

AS MIGRAÇÕES DE IDOSOS EM MINAS GERAIS NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Marden Barbosa de Campos[♦]
Alisson Flávio Barbieri^{*}
José Alberto Magno de Carvalho[♦]

1. Introdução

Uma das principais características da migração é sua alta seletividade em relação a alguns atributos individuais. Entre estes atributos, um dos que mais afeta a probabilidade de um indivíduo migrar ou não é a sua idade. À medida que ela avança, o indivíduo vai atravessando etapas do ciclo de vida que exercem influência sobre sua decisão de migrar. A busca por melhor qualificação, por emprego, renda e melhores condições de vida, por residência junto a familiares e a busca de suporte são alguns exemplos de estímulos, estreitamente relacionados às etapas do ciclo de vida, que muitas vezes culminam em migração.

Este artigo analisa as migrações realizadas pelos idosos em Minas Gerais, nas décadas de 1980 e 1990, destacando os aspectos etários destas migrações. Serão analisados dados referentes às mesorregiões do Estado, assim como aos fluxos migratórios entre Minas Gerais e as demais Unidades da Federação do Brasil.

A migração dos idosos pode ter impactos importantes para as localidades envolvidas, tanto em termos da alteração da suas estruturas etárias, quanto em questões ligadas à assistência social, mercado de trabalho, oferta de serviços e mercado imobiliário. Além disso, com o envelhecimento da população brasileira, é provável que as migrações dos idosos ganhem importância nas próximas décadas. Daí a relevância de estudarmos estes deslocamentos e descobrirmos em que medida eles afetam a organização da sociedade e do território.

2. Migração e idade

2.1. Padrões etários da migração

A propensão de um indivíduo em migrar está estreitamente ligada à etapa do ciclo de vida que ele atravessa, o que a torna um fenômeno altamente seletivo em relação à idade. Esta constatação tornou possível a elaboração, por ROGERS e CASTRO (1981), de um modelo etário de migração. “The most prominent regularity found in empirical schedules of age-specific migration rates is the selectivity of migration with respect to age” (ROGERS e CASTRO, 1981, pág. 355). A partir do cálculo de taxas específicas de migração por idade para diferentes populações, estes autores constataram que, embora a intensidade com que os indivíduos de cada população migravam variasse consideravelmente, o padrão exibido pelas taxas migratórias por idade referentes à diferentes populações apresentava uma persistente regularidade. Isto tornou possível o

[♦] IBGE e CEDEPLAR/FACE/UFMG

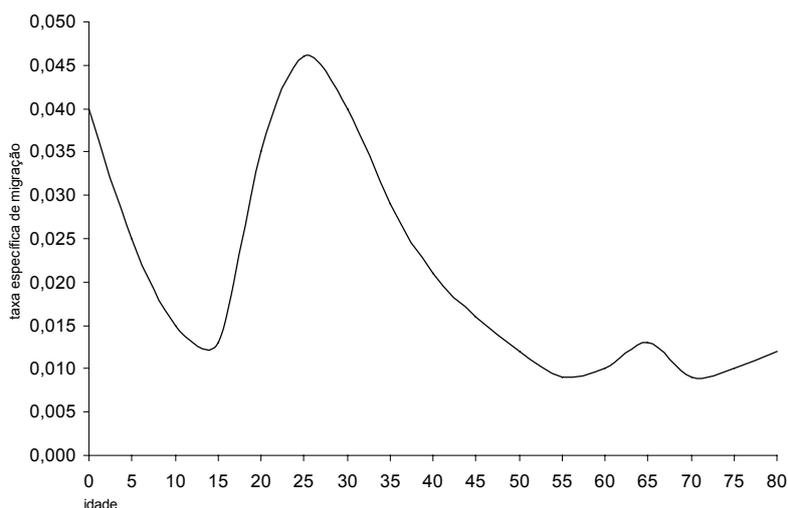
^{*} CEDEPLAR/FACE/UFMG

[♦] CEDEPLAR/FACE/UFMG

desenvolvimento de um Modelo Etário de Migração, que expressa matematicamente as regularidades verificadas empiricamente nos padrões etários de migração.

O GRAFICO 1 apresenta as taxas de migração por idade, segundo o Modelo Etário de Migração de Rogers e Castro. Estas taxas foram calculadas dividindo-se o total de migrantes, em cada idade, pela população total com esta mesma idade.

GRAFICO 1
Modelo Etário de Migração



Fonte: Rogers e Castro, 1981.

Este modelo é formado por cinco componentes fundamentais. O primeiro deles, localizado nas primeiras idades, foi denominado de componente pré-laboral. O segundo, referente às idades mais produtivas, foi chamado de componente laboral e o terceiro componente, localizado nas idades próprias da aposentadoria, foi denominado de pós-laboral. O quarto componente relaciona-se ao nível, ou intensidade, da migração da população. O quinto componente, relacionado às migrações após o período de aposentadoria, representa as migrações nas idades mais avançadas (ROGERS e CASTRO, 1981; ROGERS, 1988).

Aos três primeiros componentes estão relacionados “picos migratórios”, referentes às etapas do ciclo de vida que os indivíduos atravessam e que aumentam sua propensão à migração. O primeiro “pico”, encontrado nos primeiros anos de vida, refere-se à migração de crianças que acompanham a migração dos pais. O segundo “pico”, relativo ao início da idade adulta, é o mais intenso e refere-se aos deslocamentos motivados pela busca de emprego e renda. O terceiro pico migratório, menos pronunciado que os primeiros, localiza-se nas idades mais avançadas e está relacionado à aposentadoria. Após este pico, há uma recuperação nas taxas migratórias, representada pela elevação final da curva no GRÁFICO 1, explicado pelo aumento contínuo das migrações de idosos em busca de assistência, à medida que a idade avança.

A versão básica do modelo, representada acima, pode ser estimada a partir de treze parâmetros, que irão determinar a localização na escala etária de cada um dos componentes do Modelo, além de sua intensidade e curvatura. Dependendo de características demográficas de cada população, o número de parâmetros estimados

pode variar entre sete e treze. O modelo com sete parâmetros é mais adequado quando não há o pico migratório da aposentadoria e nem a migração em busca de assistência. Aquele com nove parâmetros é mais adequado para se estimar um modelo sem o pico de aposentadoria, mas com a migração em busca de assistência. Os onze parâmetros devem ser utilizados quando há apenas o pico de aposentadoria e, por fim, utilizam-se os treze parâmetros quando os dois movimentos migratórios de idosos são verificados.

2.2. Migração de idosos

Embora as migrações dos idosos já venham sendo discutidas há algumas décadas em outros países, no Brasil, desconhece-se algum trabalho publicado que trate especificamente do tema.

Partindo da noção de seletividade etária da migração e de sua relação com as etapas do ciclo de vida, os estudos encontrados na literatura internacional invariavelmente associam as migrações dos idosos a pelo menos um de três estímulos básicos: busca de amenidades, busca de assistência e limitação ou incapacidade. Pode-se então definir perfis de migrantes com idade avançada. O primeiro compreende os idosos mais jovens, com boa saúde e condição financeira, geralmente casados, que migram, por exemplo, para locais com clima mais agradável ou melhor qualidade ambiental. O segundo combina indivíduos com renda mais baixa, que não vivem em companhia do cônjuge e que buscam a co-residência com os filhos ou parentes que possam fornecer-lhes algum tipo de suporte. Finalmente, o terceiro refere-se aos idosos que migram para locais que dispõem de instituições com assistência médica especializada, quando passam a apresentar um quadro de incapacidade mais severo. Neste grupo, geralmente estão os indivíduos com idade mais avançada. A cada tipo de deslocamento associa-se um padrão espacial específico, representado por diferentes locais de origem, destino e distância do deslocamento (LIWALK e LONGINO, 1987; BEAN *et al.*, 1998; WALTERS, 2002).

Com intuito de ilustrar os elementos que estão por trás da migração dos idosos, apresentamos na FIGURA 1 uma linha contínua que representa, em um extremo, os movimentos motivados por decisões totalmente “voluntárias” e que termina, no outro extremo, em movimentos classificados como totalmente “necessários”.

FIGURA 1
Representação esquemática da migração de idosos, segundo a natureza dos estímulos



Embora saibamos que nenhum deslocamento estará inteiramente localizado nos pontos extremos deste contínuo e nem será causado por apenas um fator, esta representação auxilia-nos na categorização dos estímulos que levam à migração de idosos. Os movimentos aqui chamados de “voluntários” estão ligados à *vontade própria* dos indivíduos de viverem junto a amigos e familiares ou de desfrutarem de um local com melhor qualidade de vida. Já os movimentos denotados de “necessários” são aqueles realizados por indivíduos que possuem algum tipo de limitação, seja ela financeira,

física ou mental e muitas vezes a decisão do deslocamento parte concomitantemente de *outro indivíduo*, de um parente, instituição ou pessoa cuidadora. Os movimentos do primeiro tipo remontam à idéia de independência, enquanto os últimos à idéia de dependência. Nesta representação, os estímulos migratórios deslocam-se da esquerda para a direita à medida que a idade avança.

A migração de retorno também é frequente entre os indivíduos com idade avançada, principalmente entre os recém-aposentados (WALTERS, 2000 e 2002). A explicação é que aqueles indivíduos que deixaram as regiões em que nasceram para viverem em locais com melhor oferta de empregos, podem retornar aos locais de origem após aposentarem-se. Além disto, as mudanças no mercado de trabalho ou a viuvez, por exemplo, também são considerados como estímulos às migrações de retorno dos idosos (WALTERS, 2000 e 2002).

Dois aspectos importantes e interligados devem ser lembrados ao tratarmos da migração de idosos. O primeiro refere-se aos diferenciais por sexo na propensão a migrar e o segundo, às características espaciais dos deslocamentos.

Os diferenciais por sexo decorrem do fato dos eventos ocorrerem em idade distintas durante o ciclo de vida de homens e mulheres. A partir da análise dos padrões migratórios de diferentes populações, ROGERS (1988) constatou que há dois cruzamentos nas curvas das taxas específicas de migração para homens e mulheres. O primeiro acontece nos anos mais jovens e o segundo em torno da idade de aposentadoria. O pico laboral das mulheres é geralmente mais pronunciado e sua queda mais acentuada que o dos homens. Já seu pico da aposentadoria é menos pronunciado, ocorre em uma idade mais jovem que a dos homens e encontra-se disperso por um número maior de anos. Segundo o mesmo autor, nas idades muito avançadas, também pode haver uma elevação das taxas específicas de migração femininas, muito provavelmente devido à alta incidência e prevalência da viuvez (ROGERS, 1988, pág. 360).

Com relação aos aspectos espaciais, devemos atentar para as localidades envolvidas nos deslocamentos, tanto como origem quanto como destino, e qual é a distância dos deslocamentos. As localidades envolvidas, obviamente, vão depender do contexto e da região em que se dão as migrações. Cabe destacar, porém, que enquanto as migrações em busca de amenidades costumam ser espacialmente difusas na origem e concentradas no destino, as migrações motivadas por busca de assistência não apresentam um padrão espacial pré-definido. Com relação à distância, observa-se que o padrão etário verificado nos deslocamentos de longa distância costuma apresentar o pico de aposentadoria, ao contrário do padrão etário exibido pelos movimento de curta distancia. “Undoubtedly, the principal reason for this difference is related to the different motivations underlying the two categories of moves, each of which exhibits a distinctly different age profile” (ROGERS, 1988, pág. 360).

3. As migrações de idosos em Minas Gerais

O objetivo deste artigo é apontar características etárias das migrações de idosos em Minas Gerais, nas décadas de 80 e 90, destacando alguns aspectos espaciais destas migrações. Os dados utilizados serão as informações de migração de data-fixa, extraídas dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, do IBGE. Estas informações advêm do

questo que investiga o município de residência do indivíduo a cinco anos exatos antes da data de referência do censo.

Em 1991 a população de Minas Gerais com 5 anos ou mais de idade era de 14.033.176, sendo que, na data de referência do Censo, 1.291.699 ou 9,2% da população¹, residiam em um município diferente do município de residência cinco anos antes da data de referência do Censo. Desses migrantes, 72,5% haviam migrando internamente ao Estado, e 27,5% haviam migrado para Minas Gerais, vindos de outras Unidades da Federação, totalizando 355.121 imigrantes interestaduais. Desses, 41,9% haviam nascido em Minas Gerais e estavam retornando ao Estado. Entre 1995 e 2000, o percentual de migrantes de data-fixa se manteve o mesmo do que foi verificado entre 1986 e 1991, 9,2%, o que representou 1.492.599 migrantes, para uma população de 16.288.981 indivíduos com 5 anos ou mais de idade, na data do Censo. A proporção de imigrantes interestaduais aumentou para 29,2%, chegando a 435.585 indivíduos. Desses, 36% eram migrantes de retorno, percentual inferior ao captado pelo Censo de 1991.

A TABELA 1 apresenta os percentuais de migrantes e de imigrantes interestaduais de retorno, para a população total, para os idosos e seus subgrupos. Podemos observar que, entre os idosos, o percentual de migrantes foi praticamente metade daquele referente à população não-idosa nos dois períodos, tanto para o Brasil quanto para Minas Gerais. Contudo, os percentuais de retornados foram sempre superiores entre os idosos, principalmente entre os “idosos mais jovens”, com idades entre 60 e 69 anos. Embora os idosos migrem menos, houve uma elevação dos percentuais de migrantes entre os “idosos mais velhos”, com 80 anos ou mais de idade. O percentual de migrantes foi sempre menor em Minas Gerais do que no Brasil, principalmente entre 1986 e 1991, ao passo que o percentual de imigrantes interestaduais de retorno foi superior em Minas Gerais, em todas as idades e nos dois períodos.

O fato de Minas Gerais receber muitos migrantes interestaduais de retorno, e do perfil etário destes migrantes ser mais envelhecido do que o dos demais, faz com exista uma proporção maior de idosos entre os imigrantes interestaduais do Estado. A TABELA 2 apresenta estas proporções. Podemos observar que o percentual de idosos é mais elevado entre aqueles que chegaram ao Estado, nos dois períodos, seguido daqueles que migraram entre os municípios minérios. Com os menores percentuais de idosos, estão aqueles que migraram para outras Unidades da Federação.

¹ Não estão incluídos aqui os indivíduos que residiam no mesmo município na data de referência do Censo e também cinco anos antes do Censo, mas haviam residido em outro município nesse intervalo, classificados como “retornados plenos”. Também não foram computados os migrantes com município de origem não identificado e os imigrantes internacionais.

TABELA 1 – Percentuais de migrantes e de imigrantes interestaduais de retorno, por idade – Brasil e Minas Gerais – 1986/1991 e 1995/2000.

Categoria	Idade				
	5 a 59	60 ou mais	60 a 69	70 a 79	80 ou mais
1991					
Brasil					
Migrantes	10,79	5,17	5,26	4,96	5,23
Retornados²	20,35	25,86	26,72	25,73	20,78
Minas Gerais					
Migrantes	9,65	4,40	4,50	4,07	4,72
Retornados²	41,16	60,83	61,17	61,78	55,82
2000					
Brasil					
Migrantes	9,96	5,07	5,24	4,71	5,23
Retornados²	21,62	28,41	30,57	26,50	22,49
Minas Gerais					
Migrantes	9,64	4,87	5,03	4,55	4,92
Retornados²	34,95	56,86	58,64	54,13	54,59

² - percentual sobre os imigrantes interestaduais.

Fonte: IBGE, 1991 e 2000.

A análise destes dados por mesorregiões nos mostra que, quando tratamos das migrações dos idosos, a situação de Minas Gerais foi bastante desigual (TABELAS 3 e 4). As mesorregiões que fazem fronteiras com regiões economicamente dinâmicas do País, como São Paulo e Rio de Janeiro, destacaram-se como atrativas para os idosos. Este foi o caso do Sul/Sudoeste de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Zona da Mata. Contudo, conforme já observamos em estudo anterior (CAMPOS, BARBIERI e CARVALHO, 2007), algumas destas regiões, como o Sul/Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, atraíam mais indivíduos não-idosos do que idosos. O mesmo comportamento pôde ser verificado na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. As regiões economicamente mais estagnadas, como Norte de Minas, Vale do Mucuri e Jequitinhonha, perderam idosos para outras áreas mas, contrariamente às mesorregiões mais dinâmicas do Estado, perdem menos idosos do que população em geral (CAMPOS, BARBIERI e CARVALHO, 2007). A Zona da Mata era a região que possuía o maior percentual de idosos entre seus emigrantes, nos dois períodos analisados.

TABELA 2 – Migrantes por categoria e grupo de idade – Minas Gerais – 1991 e 2000.

Categoria	5 a 59 anos	60 e mais	% de idosos
1991			
Migrantes intra-estaduais	600.747	25.057	4,17
Imigrantes inter-estaduais	355.121	15.630	4,40
Emigrantes inter-estaduais	446.669	15.625	3,50
2000			
Migrantes intra-estaduais	693.709	37.959	5,47
Imigrantes inter-estaduais	435.585	24.456	5,61
Emigrantes inter-estaduais	396.512	15.911	4,01

Fonte: IBGE, 1991 e 2000.

TABELA 3 - Proporção de idosos entre os emigrantes e os imigrantes Taxa Líquida de Migração de idosos por mesorregião – Minas Gerais - 1991

Mesorregião	% idosos entre os emigrantes	% idosos entre os imigrantes	TLM idosos
Noroeste de Minas	2,46	2,53	-0,02
Norte de Minas	2,23	2,69	-0,01
Jequitinhonha	3,48	2,99	-0,03
Vale do Mucuri	3,40	3,70	-0,03
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,75	3,37	0,00
Central Mineira	2,53	3,64	0,00
Metropolitana de Belo Horizonte	3,51	3,22	0,01
Vale do Rio Doce	3,66	4,38	-0,02
Oeste de Minas	3,24	3,68	0,00
Sul/Sudoeste de Minas	4,10	5,94	0,01
Campo das Vertentes	2,60	4,01	0,01
Zona da Mata	4,22	5,27	0,00

Fonte: IBGE, 1991.

TABELA 4 - Proporção de idosos entre os emigrantes e os imigrantes Taxa Líquida de Migração de idosos por mesorregião – Minas Gerais - 2000

Mesorregião	% idosos entre os emigrantes	% idosos entre os imigrantes	TLM idosos
Noroeste de Minas	3,03	4,47	0,00
Norte de Minas	2,22	4,15	0,00
Jequitinhonha	3,96	5,07	-0,02
Vale do Mucuri	5,44	5,64	-0,03
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	4,46	4,50	0,01
Central Mineira	3,70	5,32	0,00
Metropolitana de Belo Horizonte	4,55	4,30	0,01
Vale do Rio Doce	4,79	5,26	-0,01
Oeste de Minas	4,55	4,98	0,01
Sul/Sudoeste de Minas	5,10	6,63	0,02
Campo das Vertentes	4,48	5,84	0,01
Zona da Mata	4,71	6,83	0,01

Fonte: IBGE, 2000.

A desagregação por grupo de idade dos idosos revela mais algumas especificidades deste processo. Conforme observamos na TABELA 5, referente ao período 1995/2000, as regiões que mais perderam idosos, perderam mais entre aqueles com idade mais avançada. Já as regiões economicamente mais dinâmicas, atrativas para os idosos, ganharam mais entre os “idosos mais jovens”. A Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte exibiu comportamento diverso, ganhando relativamente mais “idosos mais velhos”.

TABELA 5 – Taxas Líquidas de Migração por grupo de idade e mesorregião – Minas Gerais - 2000

Mesorregião	Taxa Líquida de Migração			
	Idosos	60 a 69	70 a 79	80,00
Noroeste de Minas	0,00	0,59	0,37	-1,91
Norte de Minas	0,00	0,08	-0,31	-1,20
Jequitinhonha	-0,02	-1,97	-2,16	-2,93
Vale do Mucuri	-0,03	-2,77	-3,84	-3,93
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	0,01	1,08	0,84	0,81
Central Mineira	0,00	0,57	-0,81	0,70
Metropolitana de Belo Horizonte	0,01	0,49	1,02	1,58
Vale do Rio Doce	-0,01	-1,06	-0,40	-2,25
Oeste de Minas	0,01	1,16	1,42	0,34
Sul/Sudoeste de Minas	0,02	2,22	1,75	0,60
Campo das Vertentes	0,01	1,14	0,27	0,65
Zona da Mata	0,01	1,18	0,63	0,61

Fonte: IBGE, 2000.

4. Conclusões

Embora os percentuais de migrantes em Minas Gerais sejam inferiores à média nacional, o Estado destaca-se pelo elevado número de imigrantes interestaduais de retorno. Como esses migrantes possuem idades relativamente mais avançadas, Minas pode ser considerada uma região de atração de migrantes idosos.

Os perfis etários exibidos pelos migrantes idosos mostram que esses indivíduos migraram mais nos extremos das idades idosas, ou seja, “idosos mais jovens” e “idosos mais velhos”, tendo sido menores os percentuais de migrantes entre aqueles considerados como “idosos intermediários”, com entre 70 e 79 anos. Esta questão suscita pontos interessantes a serem discutidos. Embora a literatura sobre migração de idosos refira-se aos deslocamentos dos idosos mais jovens como que realizados em busca de amenidades, é provável que, no Brasil, alguns destes idosos ainda migrem motivados por questões relacionadas ao mercado de trabalho. Isso pode explicar o poder atrativo das mesorregiões mais dinâmicas do Estado sobre os “idosos mais jovens”. Já a Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, atrai relativamente mais idosos com idade avançada, que podem ter migrado em busca de suporte e assistência, providos pela maior oferta de serviços desta região, além da possibilidade de residência junto aos familiares que, por ventura, tenham migrado para esta região em um período anterior.

As características observadas na migração dos idosos em Minas Gerais remete-nos à questão de que os perfis etários de migração refletem diferenças nas motivações para migrar e que essas se traduzem, dentre outros aspectos, nos padrões espaciais exibidos por cada tipo de deslocamento.

5. Referências Bibliográficas

BEAN, F. D. *et al.* Geographic concentration, migration, and population redistribution among elderly. In: MARTIN, L; PRESTON, S. (Eds). *Demography of Aging*. National Academy Press. Washington, 1994.

BRITO, F.; GARCIA, R. A.; SOUZA, R. V. As tendências recentes das migrações interestaduais e o padrão migratório. *Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu, 20 a 24 de Setembro de 2004.

CAMPOS, M. B.; BARBIERI, A. F.; CARVALHO, J.A.M. Migração e Previdência Social no Brasil entre 1980 e 2000. *Anais do V Encontro Nacional sobre Migrações*, Campinas, 2007.

IBGE. Censo Demográfico: dados da amostra. Rio de Janeiro, IBGE, 1991.

IBGE. Censo Demográfico: dados da amostra. Rio de Janeiro, IBGE, 2000.

KING, R., WARNES, A.M. AND WILLIAMS, A.M.. International retirement migration in Europe. *International Journal of Population Geography*, 4 (2): 91-112. 1998

LIWALK, E.; LONGINO, C. Migration patterns among the elderly: A development perspective. *The gerontologist*. 27, 3. 1987.

RIGOTTI, J. I. R. Técnicas de mensuração das migrações, a partir dos dados censitários aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo. 1999 142 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

ROGERS, A.; CASTRO, L. Model Migration Schedules. Research Report. Luxemburg, IASA, 1981.

ROGERS, A. Age patterns of elderly migration: an international comparison. *Demography*, Vol. 25, No. 3. Aug. 1988

WALTERS, W. Types and patterns of later-life migration. *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, Vol 82, No. 3. 2000.

WALTERS, W. Later-life migration in the United States: a review of recent research. *Journal of Planning Literature*, 17(37). 2002